Data: 16.09.2021
Titulo: Luís de Sousa "Há muitos candidatos que sentem a ausência dos líderes"
Pub: Diário de Notícias
Tipo: Jornal Nacional Diário
Secção: Nacional
Pág: 5

QuickCom comunicação integrada

Área: 241cm²/ 23%
Tiragem: 15.750
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 7226031

Luís de Sousa "Há muitos candidatos que sentem a ausência dos líderes"

LIDERANÇAS O investigador do Instituto de Ciências Sociais (ICS), especializado em poder local, admite que em certas situações a presença dos líderes partidários no terreno possa prejudicar alguns dos seus candidatos.

Nas eleições autárquicas é importante a presença dos líderes partidários no terreno?
O acompanhamento das eleições autárquicas por parte dos líderes partidários sempre existiu, mas na atualidade há uma maior cobertura mediática a nível nacional e isso dá-lhes um novo palco. Sem perturbarem as causas locais falam para que isso tenha um peso no voto dos eleitores, e que não se fique só pelos problemas do jardim ou da rua, mas que tenham enquadramento em áreas como a educação e a saúde. Por exemplo, todos os municípios da Área Metropolitana de Lisboa sentem o peso do que está perto, o peso do governo, e ganham um peso porque podem dar indicação para novos candidatos às lideranças ou até para a Presidência da República.

A presença de alguns líderes no terreno pode em algum momento ser prejudicial a algum dos candidatos?
Se o líder estiver em desgraça pode ter efeitos negativos ou se o partido não tiver grande recetividade nesse município. O que muitas vezes obriga as candidaturas a disfarçar, até nos cartazes, onde não se colocam as caras dos líderes ou até se mudam as cores do partido para outras. Essas questões do *design* são discutidas e não são menores na campanha. Mas há também muitos candidatos que a nível local sentem a ausência das lideranças partidárias, sentem que não há apoios, que são carne para canhão ou para moer. Os cálculos são feitos sobre as probabilidades de alternância de poder e quando não há essa probabilidade as lideranças não dão o apoio e isso, no fundo, é uma falta de investimento na alternativa que se constrói. Apesar das estruturas partidárias terem órgãos regionais e representantes eleitos pelos círculos que deveriam estar dispostos a fazer esse acompanhamento aos candidatos e a enaltecer o poder local, isso nem sempre acontece.

A pandemia alterou muito essa interação dos líderes com as autárquicas?
A dinâmica da campanha foi alterada. O que me preocupa é que tivemos mais de um ano para nos prepararmos para alterar estratégias para chegar às pessoas e não foram acionadas. Por exemplo, voltar a recuperar o papel dos interlocutores que se perderam, como as rádios e a imprensa local.

Quem tem mais a perder e a ganhar nestas eleições?
A grande expectativa é a de que o PS saia reforçado nestas eleições. O PSD tem mostrado incapacidade de recuperar o que já foi do PSD, em tempos considerado o partido mais português pela sua representação local. Também há uma grande expectativa em relação ao PCP sobretudo na periferia da Área Metropolitana de Lisboa e no Alentejo onde há o receio de que outras forças possam ganhar maior expressão e com a tendência de ser ultrapassado pelo PS nalguns municípios. Mas são 308 e três órgãos autárquicos eleitos em todos eles, é difícil ter uma bola de cristal para saber o que irá acontecer. **P.S.**

paulasa@dn.pt